

Índia está sendo forçada a abrir seu mercado de lácteos

A Índia contava com 192,5 milhões de cabeças de bovinos em 2019; e também dispunha de 148,9 milhões de cabras, 109,9 milhões de búfalos, 74,3 milhões de ovelhas e 9,1 milhões de porcos.

A produção de 230,58 milhões de toneladas de leite representa consumo diário per capita de 459 gramas; e tudo isto acompanhado por uma produção de 138,38 bilhões de ovos.

Dois elementos estratégicos definem a Índia no momento atual:

- É o país mais populoso do planeta, com mais de 1,5 bilhão de habitantes;
- E a metade dessa população (700 milhões) constitui a força de trabalho na produção agroalimentar, o que implica que sua produtividade é nula ou negativa, e incapaz de competir internacionalmente.

A produção de leite da Índia constitui emprego complementar e uma fonte adicional de renda para pequenos produtores e produtores marginais.

Dentro desse contexto foi criada, em 1965, no estado de Gujarat a Agência Nacional de Desenvolvimento Lácteo para incentivar, planejar e organizar o desenvolvimento da atividade através de grandes cooperativas. O resultado foi a criação de mais de 63.000 cooperativas de laticínios com a integração de 7,5 milhões de associados, no início da década de 1990.

O leite produzido por estas cooperativas tinha um valor de US\$ 3,8 milhões diários ou cerca de US\$ 118,3 bilhões anuais.

Por isso a Índia completou 20 anos sem importar leite e derivados, fechando seu mercado interno a qualquer tipo de concorrência estrangeira.

A Índia tem hoje o maior rebanho leiteiro do mundo com vacas e búfalas que somam 304 milhões de cabeças, e produziu um total de 112,5 milhões de toneladas de leite no período 2009/2010.

[Na última década, o país registrou crescimento médio anual de 5,7%, atingindo um volume superior a 239 milhões de toneladas entre 2023-2024, conforme dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - FAO].

O programa que impulsionou esta autêntica revolução láctea foi denominado de “Onda Branca” lançado pelo governo de Nova Deli em janeiro de 1970; em 20 anos transformou a Índia de um país deficitário em leite no maior produtor mundial, acima dos Estados Unidos da América (EUA), e que representa mais de 24% da produção global.

A este ritmo, em 30 anos duplicaria o leite consumido por seus 1,5 bilhão de habitantes que transformaria o setor lácteo no maior empregador rural do mundo, com 700 milhões de agricultores.

A Índia é o 5º produtor mundial de carne bovina, com 195 milhões de cabeças, mas os hindus, que representam três quartos da população, não consomem carne bovina por considerarem o animal sagrado, símbolo da vida e da fertilidade, e, portanto, intensamente venerado. Por essa razão a carne de aves é a mais consumida.

É a este sistema que Donald Trump impôs uma tarifa especial de 50% pela impossibilidade de exportar agroalimentos estadunidenses em qualquer escala.

Em suma, afirmou o líder norte-americano, que a produção agroalimentar do subcontinente está excluída da concorrência internacional pela política mais protecionista do mundo.

A contrapartida desta política hiper protecionista é a produtividade zero ou negativa, e é esse mercado, nessas condições, que excluiu as exportações agrícolas do meio oeste americano, que são as mais produtivas do mundo.

Assim, foi criada uma diferença fundamental entre Donald Trump e o governo de Narendra Modi, que se traduz no fato de que o mandatário norte-americano exige a Modi que abra o agro da Índia mediante um sistema de incentivos à produção e à inovação, que reduza drasticamente seus custos; e desta forma – estritamente capitalista – deixe de lado os controles burocráticos e estatistas estabelecidos pela Índia desde sua independência da Grã Bretanha em 1947.

O fato é que, ainda que seja nestas condições, a Índia seria a 3ª economia do mundo nos próximos 2 anos; e que se conseguir transformar seu setor agroalimentar pode ser um dos países mais produtivos do sistema global, com exceção é claro, dos EUA e da China.

A Índia, definitivamente, não tem mais alternativa a não ser mudar, sob pena de se tornar totalmente irrelevante nos próximos 10 a 15 anos. Esta é a regra rigorosa e absolutamente fundamental do capitalismo do Século XXI.

[Acesse aqui a matéria na íntegra](#)

Fonte: Clarín – Tradução livre: www.terraviva.com.br